



PAULA OLIVEIRA DUARTE

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO REALIZADO NA UNIDADE
INTEGRADA VETERINÁRIA
(UNIVET), LAVRAS, MINAS GERAIS**

LAVRAS – MG

2022

PAULA OLIVEIRA DUARTE

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO REALIZADO NA UNIDADE INTEGRADA
VETERINÁRIA, (UNIVET), LAVRAS-MINAS GERAIS**

Relatório de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências da grade curricular do curso de Medicina Veterinária, para a obtenção do título de bacharel.

Prof^a. Maria Raquel Isnard Moulin

Orientadora

LAVRAS – MG

2022

PAULA OLIVEIRA DUARTE

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO REALIZADO NA UNIDADE INTEGRADA
VETERINÁRIA (UNIVET), LAVRAS, MINAS GERAIS.**

**SUPERVISED INTERNSHIP PERFORMED IN THE INTEGRATED VETERINARY
UNIT**

(UNIVET), LAVRAS, MINAS GERAIS

Relatório de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências da grade curricular do curso de Medicina Veterinária, para a obtenção do título de bacharel.

APROVADO em 22 de agosto de 2022

Profª Dra Maria Raquel Isnard Moulin- UFLA

M. V Daiane da Cruz Ferreira- UFLA

M.V. Paula de Melo Arruda- UNIVET

Profª. Maria Raquel Isnard Moulin

Orientadora

LAVRAS-MG

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Sheila de Oliveira que nunca mediu esforços para realização desse grande sonho. Uma mulher incomparável que sempre foi meu apoio emocional em todos os momentos da minha vida. Graças a sua batalha e seu amor incondicional por mim e por minha irmã que cheguei até aqui. Ao meu pai Sérgio Wilde da Fonseca Duarte por todo apoio, compreensão e torcida desde o primeiro momento de minha aprovação. À minha Irmã, Bruna Oliveira Duarte por toda força dada nos momentos mais conturbados dessa batalha. Sou grata por essa pequena família que Deus me proporcionou.

A todos os meus familiares por tudo que me proporcionaram.

Agradeço também ao meu primeiro grande amor entre os animais, meu cãozinho Fluck, que em toda sua vida me ensinou o que é amor e fidelidade. Obrigada por ter passado toda sua vida ao meu lado e me alertado em seu último dia de vida, que não há profissão melhor do que a Medicina Veterinária.

Ao meu grande amor, Marcos, que nos últimos quatro anos foi o ponto chave para conseguir lutar contra todos os empecilhos que surgiram durante minha graduação. Obrigada por sempre me lembrar o real motivo de toda essa luta: meu amor incondicional pelos animais. Eu amo você.

A todos meus amigos de faculdade que me acompanharam por toda essa trajetória, em especial a Maristela Oliveira e Elizabeth Beraldo que foram essenciais desde o início da graduação. Obrigada pela parceria nos estudos e na vida. Agradeço também a Mariana Schwarz que ao final da graduação se tornou parte essencial nessa batalha, que juntas conseguimos vencer. Ao Núcleo de Estudos em Medicina Veterinária do Coletivo – NEVEC – obrigada pelos conhecimentos compartilhados na área e pela amizade e companheirismo nesses últimos anos.

Aos meus filhos e irmãos pets, Malu, Mushu, Lulu, Floquinho, Sophia, Café, Ross, Fofinha e Dudinha que nunca me deixaram esquecer nem só por um minuto que essa profissão é minha paixão e meu destino a seguir. E a todos os animais por quem tanto tenho admiração e amor.

À Universidade Federal de Lavras por toda estrutura, ensino, experiência e moral que me ensinaram durante a graduação.

Aos professores, que foram excelentes tutores e transmitiram todos os conhecimentos de maneira formidável, em especial a professora Raquel que me aceitou como sua orientada e

vem me guiando com maestria.

Ao Parque Francisco de Assis, por me acolher logo ao início do segundo período, me proporcionando alguns dos melhores momentos da faculdade.

Agradeço aos veterinários da UNIVET, que me deram todo suporte e estrutura que necessitava nessa última etapa da minha graduação. Agradeço pelo aprendizado e pela oportunidade de dividir a rotina veterinária com todos vocês, que de modo geral, não mediram esforços para compartilhar conhecimento teórico e prático de um veterinário.

Agradeço a todos os funcionários da UNIVET por toda dedicação, paciência e conhecimento compartilhado durante todo o estágio.

RESUMO

O curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras (UFLA), tem em seu último período a disciplina PRG 107, referente ao estágio supervisionado. O presente trabalho tem o objetivo de relatar as atividades desenvolvidas e a casuística acompanhada na Unidade Integrada Veterinária -UNIVET- situada na cidade de Lavras, Minas Gerais, sob a orientação da Prof^a. Maria Raquel Isnard Moulin e supervisão do Médico Veterinário Marcos Vinicius Figueiredo Giacomini. Foi realizado durante o período de 23 de maio a 05 de agosto de 2022, totalizando 432 horas. Dentre as ações realizadas estavam acompanhamento e atendimento clínico, coleta de material para exames laboratoriais, auxílio e realização de procedimentos ambulatoriais e emergenciais, cuidados com os pacientes internados e acompanhamento de exames de imagem. Durante o estágio foram acompanhados 116 animais, subdivididos em 104 caninos e 12 felinos. A vivência do estágio curricular permitiu o aprendizado de diferentes formas de diagnósticos, condutas clínicas, cuidados médicos e novas técnicas fazendo com que houvesse um aprimoramento profissional na área.

Palavras-chave: UNIVET. Supervisionado. Clínica. Pequenos animais. Otite. Otite externa. Cão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista frontal da Unidade Integrada Veterinária.....	13
Figura 2 - Vista lateral da recepção da Unidade Integrada Veterinária.....	13
Figura 3 - Foto ilustrativa do sistema de cadastramento dos animais e seus respectivos tutores denominado VETSOFT.....	14
Figura 4 - Vista parcial do consultório 1 da Unidade Integrada Veterinária.....	15
Figura 5 - Vista parcial do consultório 2 da Unidade Integrada Veterinária.....	16
Figura 6 - Vista integral do consultório 3 da Unidade Integrada Veterinária.....	16
Figura 7 - Vista parcial do consultório 4 da Unidade Integrada Veterinária.....	17
Figura 8 - Vista integral da pia com bancada com material de atendimento.....	17
Figura 9 - Vista parcial do Laboratório de Análises Clínicas da Unidade Integrada Veterinária.....	18
Figura 10 - Vista parcial da sala de ultrassonografia da Unidade Integrada Veterinária.....	19
Figura 11 - Vista integral da sala de radiologia da Unidade Integrada Veterinária.....	19
Figura 12 - Vista parcial da Internação 1 da Unidade Integrada Veterinária.....	20

Figura 13 - Vista parcial da Internação 2 da Unidade Integrada Veterinária.....	21
Figura 14 - Vista parcial da Internação 3 da Unidade Integrada Veterinária.....	21
Figura 15 - Vista parcial do centro cirúrgico da Unidade Integrada Veterinária.....	22
Figura 16 - Vista parcial da sala de paramentação da Unidade Integrada Veterinária.....	23
Figura 17 - Vista parcial da sala de esterilização da Unidade Integrada Veterinária.....	23
Figura 18 - Vista parcial da farmácia da Unidade Integrada Veterinária.....	24
Figura 19 - Vista parcial do castra móvel utilizado pela UNIVET durante as campanhas de castração.....	27
Figura 20 - Veículo utilizado pela UNIVET no transporte da equipe da campanha de castração.....	27
Figura 21 - Anatomia da orelha externa canina.....	44
Figura 22 - Teste de elevação dorsal do pavilhão auricular.....	49
Figura 23 - Teste de pressão no tragus.....	49

Figura 24 - Exame otoscópico em cão da raça Whippet.....49

Figura 25 - Cão com estenose do canal auditivo por hiperplasia das estruturas cartilaginosas da orelha direita (antes da cirurgia).....54

Figura 26 - Cão com estenose do canal auditivo por hiperplasia das estruturas cartilaginosas da orelha esquerda (antes da cirurgia).....54

Figura 27 - Demonstração da técnica cirúrgica de Ablação Vertical do ouvido.....56

Figura 28 - Aspecto final da ablação vertical do ouvido direito (A) e esquerdo (B), no pós-cirúrgico.....57

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp(%) de animais atendidos, conforme a espécie, na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....28
- Tabela 2 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de cães e gatos atendidos, conforme a faixa etária, na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....29
- Tabela 3 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de cães e gatos atendidos, conforme o gênero, na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....29
- Tabela 4 – Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de cães e gatos atendidos, conforme a situação de castração, na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....29
- Tabela 5- Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de cães atendidos, conforme o padrão racial da CBKC, na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/202229
- Tabela 6- Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de gatos atendidos, conforme o padrão racial, na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....31
- Tabela 7 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de cães e gatos atendidos, conforme o sistema acometido/afecções, na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....31
- Tabela 8 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de cães e gatos atendidos, conforme a vacinação na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....32

Tabela 9 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos às afecções hematológicas, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....32

Tabela 10 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos às afecções multissistêmicas, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....33

Tabela 11 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos às afecções tumorais, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022..
.....34

Tabela 12 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos ao sistema cardiovascular, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....34

Tabela 13 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos ao sistema endócrino, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....35

Tabela 14 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos ao sistema gastrointestinal, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....36

Tabela 15 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos ao sistema hepatobiliar em cães, atendidos na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....36

Tabela 16 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos ao sistema neural, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....	37
Tabela 17 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos ao sistema oftálmico, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....	38
Tabela 18 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos ao sistema osteomuscular, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....	38
Tabela 19 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos ao sistema reprodutor, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....	39
Tabela 20 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos ao sistema respiratório, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....	40
Tabela 21 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos ao sistema tegumentar, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....	40

Tabela 22 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos ao sistema urinário, atendidos em cães e gatos na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....	41
Tabela 23 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de procedimentos diversos, realizados e acompanhados em cães e gatos atendidos na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.....	42
Tabela 24 - Etiologias de otite externa em cães.....	47
Tabela 25 - Antifúngicos mais utilizados no tratamento de otite externa.....	51
Tabela 26 - Antibióticos mais utilizados no tratamento de otite externa.....	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNIVET	Unidade Integrada Veterinária
Dr.	Doutor
FeLV	Vírus da Leucemia Felina
FIV	Vírus da imunodeficiência felina
M.V.	Médico Veterinário
MG	Minas Gerais
PAAF	Punção Aspirativa por Agulha Fina
Prof ^a .	Professora
PIF	Peritonite Infecciosa Felina
SRD	Sem Raça Definida
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCE	Trauma Crânio Encefálico
TPC	Tempo de perfusão capilar
UFLA	Universidade Federal de Lavras
OE	Otite externa
CAE	Conduto auditivo externo
OEC	Otite externa crônica
CMPA	Clínica Médica de Pequenos Animais
CEP	Código de Endereçamento Postal
TECSA	Tecnologia em Saúde Animal
RG	Registro Geral
CPF	Cadastro de Pessoas Físicas
CBKC	Confederação Brasileira de Cinofilia
T4	Tiroxina
TSH	Hormônio Tireoestimulante
ACTH	Hormônio Adrenocorticotrófico
ALLVETS	Hospital Veterinária em Pouso Alegre
VETSOFT	Sistema Informatizado Veterinário
IM	Intramuscular
IV	Intravenoso
NaCL	Cloreto de Sódio

Kg	Quilograma
Mg	Miligrama
Ph	Potencial Hidrogeniônico

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	DESCRIÇÃO DA UNIDADE INTEGRADA VETERINÁRIA	12
3	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	24
4	CASUÍSTICA ACOMPANHADA	28
4.1	Afecções Hematológicas	32
4.2	Afecções Multissistêmicas	33
4.3	Afecções Tumoriais	33
4.4	Sistema Cardiovascular	34
4.5	Sistema Endócrino	34
4.6	Sistema Gastrointestinal	35
4.7	Sistema Hepatobiliar	36
4.8	Sistema Neural	36
4.9	Sistema Oftálmico	37
4.10	Sistema Osteomuscular	38
4.11	Sistema Reprodutor	39
4.12	Sistema Respiratório	39
4.13	Sistema Tegumentar	40
4.14	Sistema Urinário	41
4.15	Outros Procedimentos	41
5	REVISÃO DE LITERATURA	43
5.1	Otite externa (OE)	43
5.2	Anatomia da orelha canina	44
5.3	Etiopatogenia	45
5.4	Diagnóstico	48
5.5	Tratamento	50
6	RELATO DE CASO	53

6.1	Técnica cirúrgica de Ablação Vertical do conduto auditivo de cão acometido por otite.....	53
6.2	Avaliação Histopatológica	56
6.3	Diagnóstico	56
6.4	Resultado cirúrgico	57
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
8	BIBLIOGRAFIA.....	59

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho são relatadas as atividades desenvolvidas durante o progresso da disciplina PRG 107, referente ao estágio supervisionado, em que o discente tem a oportunidade de colocar em prática conhecimentos adquiridos durante a graduação no curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Esta é a última etapa para conclusão do curso, contendo 28 créditos, 476 horas, subdivididas em 408 horas práticas que foram desenvolvidas em uma Clínica Particular na cidade de Lavras, no estado de Minas Gerais (MG). O restante, 68 horas, é destinado para confecção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O estágio supervisionado foi realizado na Unidade Integrada Veterinária (UNIVET), na área de Clínica Médica de Pequenos Animais (CMPA), localizado na cidade Lavras -MG, sob a orientação da Prof^ª. Maria Raquel Isnard Moulin e supervisão do Médico Veterinário Marcos Vinicius Giacomini Figueiredo. Com início em 23 de maio de 2022 e terminado em 05 de agosto de 2022, o estágio foi realizado de segunda-feira a sexta-feira iniciando pela manhã das 08h às 13h e no período da tarde das 15h às 18h sendo 8 horas diárias totalizando 40 horas semanais.

A escolha da UNIVET vem das boas referências da clínica frente à população e aos bons recursos e alta rotatividade e casuística de pacientes que comparado a outras clínicas da região faz com que ela se destaque nesses quesitos.

Durante este período foram desenvolvidas diversas atividades como atendimentos clínicos, cuidados e supervisão dos pacientes internados (cães e gatos), auxílio em casos de emergência, acompanhamento e auxílio na coleta de material para análise laboratorial, acompanhamento em exames de imagem (ultrassom, raios-x e ecocardiograma) e eletrocardiograma, além de acompanhamento de terapias integrativas.

2 DESCRIÇÃO DA UNIDADE INTEGRADA VETERINÁRIA

A Unidade Integrada Veterinária - UNIVET (FIGURA 1) fica localizada na Avenida Pedro Sales, Esplanada, número 443, CEP 37200-238, situada na cidade de Lavras-MG.

A UNIVET é uma Clínica Veterinária 24 horas, num sistema em que as portas permanecem abertas de segunda-feira a sexta-feira das 8h às 19h e aos sábados das 8h às 13h. Fora desses horários de atendimento, a clínica permanece com as portas fechadas, e o cliente deve tocar a campainha para ser atendido. Os serviços prestados pela clínica são: clínica médica, cirúrgica e de silvestres, anestesiologia, cardiologia, dermatologia, nefrologia, neurologia,

oftalmologia, oncologia, ortopedia e reabilitação de pequenos animais e exames laboratoriais e de imagem direcionados a animais de pequeno porte e silvestres.

FIGURA 1 - Vista frontal Unidade Integrada Veterinária.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Na recepção (FIGURA 2), se faz necessária a apresentação dos dados pessoais do tutor e do animal, para que haja a elaboração de ficha clínica de atendimento ou retorno. Confeccionada a ficha, o paciente será encaminhado para atendimento por um dos médicos veterinários da clínica.

FIGURA 2 – Recepção da UNIVET.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

As consultas pré-agendadas iniciavam às 8h da manhã e se encerravam às 19h. As consultas não agendadas eram encaixadas de acordo com disponibilidade de horários, ressaltando que as emergências tinham prioridade sobre as demais.

A recepção possuía bancos para o público, banheiro e uma balança para auxílio no atendimento dos animais. Ademais, a clínica conta com estagiários fixos que auxiliam os médicos veterinários plantonistas no período noturno de segunda-feira a sexta-feira e durante os finais de semana.

Com relação à clínica médica, era dividida em atendimento, internamento, plantões noturnos de 12 horas, e plantões de fim de semana de 12 horas, divididos em dois períodos entre dois plantonistas. A clínica possui 6 profissionais veterinários contratados que eram distribuídos em escalas e setor. Além destes, conta também com apoio de dois veterinários, um médico veterinário atuante da medicina veterinária integrativa, um médico veterinário ultrassonografista e plantonistas de finais de semana.

Os dados de cada consulta eram armazenados no sistema informatizado VETSOFT (FIGURA 3). Neste programa era possível reunir todas as informações dos animais como: anamneses, exames clínicos gerais, exames clínicos especiais que incluía todos os sistemas orgânicos acometidos, solicitações de medicações, diagnósticos, receituários, pedidos de agendamentos de exames; e laudos anteriores, o que facilitava o acompanhamento do tratamento já realizados, bem como próximos retornos.

FIGURA 3 – Foto ilustrativa do sistema de cadastramento dos animais e seus respectivos tutores denominado VETSOFT.

Fonte: Arquivo pessoal (2022)

A UNIVET conta com 4 consultórios (FIGURA 4 a 7) para realização de consultas de rotina para as áreas de clínica médica e cirúrgica, ultrassonografia, ecocardiograma entre outros. Cada consultório era composto por uma escrivaninha com três cadeiras e um computador, bancada em mármore para avaliação física e exames do animal, pia com bancada e detergente para higienização das mãos, material para o atendimento (FIGURA 8) que incluía: gaze não estéril; algodão; almotolias descartáveis de álcool 70°, água oxigenada, iodo povidone, clorexidine 2% degermante, clorexidine alcoólica, lâminas de microscopia; luvas de procedimento; esparadrapo; microporo; focinheiras de diferentes tamanhos; papel-toalha; lixeiras plásticas para descarte de material de acordo com sua especificação e caixa para descarte de perfurocortantes.

FIGURA 4 –Vista parcial do Consultório 1.



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

FIGURA 5 – Vista parcial do Consultório 2 da Unidade Integrada Veterinária.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

FIGURA 6 – Vista integral do Consultório 3 da Unidade Integrada Veterinária.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

FIGURA 7 – Vista Parcial do Consultório 4 na Unidade Integrada Veterinária



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

FIGURA 8 – Vista integral da Pia com bancada com material para atendimento.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

As amostras de sangue, urina, cultura, raspados, punção aspirativa por agulha fina (PAAF) coletadas nos consultórios durante as consultas eram enviadas para os Laboratórios Santa Cecília e Tecnologia em Sanidade Animal (TECSA), salvo em casos de emergência, com necessidade de uma rápida avaliação de hematócrito, leucograma e plaquetograma. Nestas situações, os médicos veterinários processavam seus exames no laboratório da clínica (FIGURA 9). Além disso, o laboratório conta com um microscópio que é usado para análise de

possíveis fungos e bactérias de amostras coletadas durante atendimento. As amostras como cultura e antibiogramas eram encaminhadas exclusivamente para o TECSA. Os exames eram devidamente registrados com nome do paciente e do tutor, amostra enviada, e data. Os resultados eram anexados no Programa Sistema Integrado VETSOFT.

FIGURA 9 – Vista parcial do Laboratório de Análises Clínicas da Unidade Integrada Veterinária.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Quando necessário o uso de exames complementares imaginológicos, a Univet possui uma sala de ultrassonografia para pequenos animais (FIGURA 10) e uma sala para radiologia (FIGURA 11) onde são realizados os respectivos exames.

FIGURA 10 - Vista parcial da sala de ultrassonografia da Unidade Integrada Veterinária.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

No ultrassom também eram realizadas outras atividades como PAAF e cistocenteses guiadas por imagem.

Na sala de radiografia eram realizados todos os tipos de posições indispensáveis a uma boa avaliação radiográfica a depender da necessidade. Quando necessário, havia ajuda de anestesistas para posições especiais como por exemplo, a de displasia coxofemoral e de discopatias.

FIGURA 11 – Vista integral da sala de radiologia da Unidade Integrada Veterinária.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Em casos em que a estabilização clínica do animal requeria um maior cuidado com atenção exclusiva, o animal permanecia internado para melhor acompanhamento, onde o paciente era colocado em uma das salas de internação (FIGURA 12 a 14). Doenças de caráter infeccioso limitavam o internamento como a cinomose, parvovirose e esporotricose que são altamente contagiosas; assim, quando se suspeitava de doenças desta natureza, o animal era encaminhado para outra clínica da região.

Ficava responsável pelo setor da internação da clínica um médico veterinário e um auxiliar veterinário com horário fixo. Na internação os animais eram observados em horário integral, medicados e quando houvesse necessidade também era realizada reposição de fluidos.

FIGURA 12 – Vista parcial da Internação 1 da Unidade Integrada Veterinária.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

FIGURA 13 – Vista parcial da Internação 2 da Unidade Integrada Veterinária.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

FIGURA 14 – Vista parcial da internação 3 da Unidade Integrada Veterinária.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

O médico veterinário responsável pela internação do animal, também tinha a competência de reformular a prescrição dos medicamentos, inicialmente preconizada pelo seu profissional responsável quando houvesse necessidade, assim como solicitar novos exames quando pertinente. Os horários de visita ocorriam de 19h30 a 20h de segunda-feira a sexta-

feira. Outrossim, o médico veterinário responsável pela internação atualiza os tutores sobre o estado clínico dos pacientes por volta das 11h às 13h.

Nas salas de internação havia equipamentos básicos para internação, equipamentos de proteção individual, bombas de infusão, baias de alvenaria de diversos tamanhos, glicosímetro, equipamento para aferição de pressão e todos os produtos já descritos nos consultórios.

A clínica conta também com um centro cirúrgico (FIGURA 15) equipado com eletrocardiograma, aparelho de raio x, aparelho de anestesia Takaoka microscópio cirúrgico e arco cirúrgico. Ademais, o centro cirúrgico possui uma sala com área de paramentação em seu interior (FIGURA 16). Para apoio ao centro cirúrgico, ao lado do bloco, existe uma sala de esterilização (FIGURA 17) com lavadora ultrassônica, autoclave e secadora de material que serão utilizados em futuras cirurgias.

FIGURA 15–Vista parcial do centro cirúrgico da Unidade Integrada Veterinária.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

FIGURA 16–Vista parcial da sala de paramentação da Unidade Integrada Veterinária.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

FIGURA 17 –Vista parcial da sala de esterilização da Unidade Integrada Veterinária.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

A clínica possui ainda uma farmácia completa com insumos necessários para os consultórios, medicamentos atualizados, quimioterápicos e anestésicos (FIGURA 18). A farmácia é de livre acesso a todos os funcionários.

FIGURA 18–Vista parcial da farmácia da Unidade Integrada Veterinária.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Havia um sistema de autofalantes por todos os recintos da clínica, para comunicação entre os profissionais veterinários sobre algum atendimento, solicitar ajuda dos estagiários ou a equipe de limpeza quando necessário. Dessa forma toda a equipe da UNIVET pode ser acionada com rapidez, agilizando procedimentos e cuidados com os pacientes. Em casos emergenciais, isto é, que necessitavam de atendimento imediato, a recepcionista acionava uma campainha que alertava todos os veterinários que prontamente se apresentavam a recepção para socorrer o animal enfermo.

3 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A Univet tinha a disposição 6 estagiários de estágio supervisionado no período relatado no trabalho, que se distribuíam de acordo com a demanda e necessidade diária da clínica. Podendo se organizar entre atendimento, internamento e cirurgia.

Para todos os animais que chegavam na clínica era feita uma ficha na recepção com dados do paciente e dos tutores para assim serem encaminhados ao médico veterinário

responsável. Os atendimentos podem ser acompanhados pelos estagiários e, quando solicitados, estes poderiam auxiliar em alguns procedimentos.

O atendimento acontecia de acordo com pré-agendamento. O tutor e o animal eram encaminhados ao consultório disponível. Em seguida, o médico veterinário realizava anamnese e exame físico que posteriormente seriam computados no Programa Sistemas Integrados. Estagiários auxiliavam na contenção do animal, realização de garrote, aferição da frequência cardíaca e temperatura quando solicitados pelo médico veterinário em atendimento.

Posteriormente, é realizada a propedêutica com o intuito de determinar os prováveis diagnósticos e melhores exames complementares para o paciente; o médico veterinário realizava os exames necessários desde coleta de sangue até exames imaginológicos. O material de amostras era encaminhado para o laboratório.

Quando necessário internamento do animal era encaminhado para a sala de internação, submetido a cateterização que poderia ser feita por um estagiário sob supervisão do M.V. ou do auxiliar. O histórico do animal era noticiado ao M.V. responsável pela internação para melhor acompanhamento do paciente.

Em consultas nas quais eram necessários exames de imagem, o estagiário tinha a oportunidade de acompanhar o exame ajudando no desenvolvimento da conduta clínica.

Nos atendimentos também havia a consulta para vacinação de cães e gatos na qual o paciente era brevemente examinado para logo em seguida ser imunizado com as vacinas comerciais que havia na Unidade. Por vezes, os estagiários podiam aplicar as vacinas sob a supervisão do médico veterinário responsável pelo paciente.

Na escala de internamento os estagiários ficavam responsáveis pela aferição dos parâmetros vitais dos animais junto ao M.V. responsável: frequência cardíaca, frequência respiratória, palpação abdominal, temperatura retal, glicemia, pressão arterial sistólica, Tempo de Perfusão Capilar (TPC) e parâmetros de hidratação. Após a aferição dos parâmetros vitais o animal era medicado de acordo com a prescrição pelo médico veterinário da internação, salvo em alguns casos em que havia permissão de administrar essas medicações sob supervisão do M.V. Os animais ficavam em baias individuais de acordo com o acometimento recebendo fluidoterapia com a ajuda de bombas de infusão para evitar a super-hidratação ou a desidratação dos animais. Cada animal era devidamente identificado na baia com nome. O animal é admitido na internação já com a prescrição do médico veterinário responsável. Todo paciente tinha autorização dos tutores para internamento e outros procedimentos cirúrgicos ou anestésicos.

Cada paciente tinha uma prancheta com sua ficha de internamento juntamente da autorização de internamento e outros procedimentos que se fizerem necessários. Nessa ficha continha toda a prescrição feita pelo M. V. responsável pelo caso.

Os estagiários quando solicitados eram responsáveis por verificar os parâmetros dos animais, cálculos de fluidoterapia, auxílio em procedimentos, coletas de sangue, passeios e alimentação.

Por fim, às quartas-feiras e quintas-feiras, havia o atendimento de um médico veterinário atuante em medicina veterinária integrativa, que realizava procedimentos de massagem, fisioterapia, moxaterapia, ozonioterapia, musicoterapia, laserterapia e eletroterapia. O estagiário escalado para acompanhar veterinário em questão podia auxiliar nessas atividades e ao final da consulta debater com o médico veterinário a terapia adotada, assim como os avanços e dificuldades do caso.

3.1 DEMAIS ATIVIDADES

A UNIVET possui uma parceria com o Governo de Minas Gerais que o autoriza a realizar campanhas de castração e vacinação por todo Estado. Atualmente, a campanha de castração tem ocorrido em diversas cidades proporcionando a esterilização de cães e gatos das regiões parceiras. Para isso, a Univet utiliza um castra móvel volante (FIGURA 19) para esterilização de cães e gatos nas regiões que fornecem serviço, além de um veículo (FIGURA 20) específico para transporte da equipe responsável pela atividade Somado a isso, na cidade de Lavras , além de também ocorrerem campanhas de esterilização , dispõe de uma campanha de vacinação com vacina polivalente importada para cães em datas pré-estipuladas e autorizadas pelo governo. Nas campanhas de castração, estagiários podem auxiliar nas anestésias, procedimentos cirúrgicos e pós- cirúrgico dos pacientes.

FIGURA 19 –Vista parcial do castra móvel utilizado pela UNIVET durante as campanhas de castração.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

FIGURA 20 –Veículo utilizado pela UNIVET no transporte da equipe da campanha de castração.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

As campanhas de vacinação por sua vez, acontecem em dias alternados: segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira na garagem da própria clínica veterinária, no horário das 14h às 18h30. Diariamente são recebidos em média 100 a 150 tutores que levam seus cães para vacinação. Era utilizada a vacina Vanguard® V8, a qual protege os animais de doenças como cinomose, adenovírus tipo 2, coronavírus, parainfluenza, parvovirose, leptospirose (*L. canicola* e *L.*

icterohaemorrhagiae). Nessa atividade, os estagiários se alternam entre aplicação de vacina, preenchimento do registro de vacinação disponibilizado pela prefeitura e preenchimento da carteirinha de vacinação específica da campanha. No registro de vacinação o tutor deve disponibilizar para pessoa responsável seu nome completo, Registro Geral da união (RG), Cadastro de Pessoa Física (CPF), número para contato, endereço de residência completo e dados do animal, incluindo nome, idade, cor de pelagem e porte do animal (pequeno, médio e grande). Vale ressaltar que ambas as atividades são acompanhadas por um médico veterinário responsável pela ação.

4 CASUÍSTICA ACOMPANHADA

O número total de animais acompanhados foi de 116, sendo divididos em atendimento clínico, internação e emergência. Dos pacientes acompanhados 104 (89,66 %) foram cães, que apresentavam 136 afecções e 12 (10,34 %) eram gatos com 20 afecções. O número de afecções em cães e gatos é superior ao número de pacientes, porque alguns animais possuíam mais de uma enfermidade. Desse montante existiam também 16 animais sadios, sendo 15 cães e 1 felino que compareceram à clínica somente para vacinação.

A casuística durante todo período de 26 de junho a 05 de agosto na UNIVET está descrita em forma de texto e nas Tabelas 1 a 4, conforme espécie, faixa etária, gênero e castração. Já nas Tabelas 5 a 8 estão descritos os padrões raciais, sistemas orgânicos acometidos e vacinações de cães e gatos realizadas neste período, respectivamente.

As afecções acompanhadas dentro de cada sistema estão descritas nas Tabelas de 9 a 22 e em forma de texto. Os procedimentos realizados na rotina em cães e gatos na UNIVET durante o período de estágio podem ser visualizados na Tabela 23.

Tabela 1 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de animais atendidos, conforme a espécie, na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Espécie	n	fp(%)
Canina	104	89,66
Felina	12	10,34
TOTAL	116	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Tabela 2 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de cães e gatos atendidos, conforme a faixa etária, na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Espécie/Faixa Etária	Canina		Felina	
	n	fp (%)	n	fp (%)
Até 1 ano	8	7,69	1	8,33
1 + 2 anos	18	17,32	5	41,66
2 + 4 anos	17	16,35	4	33,33
4 + 6 anos	14	13,46	-	-
6 + 8 anos	16	15,38	-	-
8 + 10 anos	9	8,66	-	-
10 + 12 anos	8	7,69	2	16,67
12 + 14 anos	5	4,80	-	-
Acima de 14 anos	9	8,65	-	-
Indeterminado	-	-	-	-
TOTAL	104	100	12	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Tabela 3 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de cães e gatos atendidos, conforme o gênero, na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Espécie/Gênero	Canina		Felina	
	n	fp (%)	n	fp (%)
Fêmeas	59	56,73	4	33,33
Machos	45	43,26	8	66,67
TOTAL	104	100	12	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Tabela 4 – Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de cães e gatos atendidos, conforme a situação de castração, na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Espécie/Castração	Canina		Felina	
	n	fp (%)	n	fp (%)
Castrado	25	24,04	3	25
Não Castrado	79	75,96	9	75
TOTAL	104	100	12	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Tabela 5 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de caninos atendidos, conforme o padrão racial da CBKC, na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Raça	n	fp (%)
SRD	33	31,73
Shih Tzu	10	9,62
Spitz Alemão	9	8,65
Yorkshire Terrier	6	5,77
Dachshund	5	4,81
Border Collie	4	3,85
Poodle	4	3,85
Bulldogue Francês	4	3,85
Pinscher	4	3,85
Chihuahua	3	2,88
Pug	2	1,92
Foxhound Americano	2	1,92
Pastor Alemão	2	1,92
Pastor da Mantiqueira	2	1,92
Lhasa Apso	1	0,96
Pastor Belga	1	0,96
Pastor Canadense	1	0,96
American Bully	1	0,96
Boxer	1	0,96
Rottweiler	1	0,96
Bulldogue Campeiro	1	0,96
Golden Retriever	1	0,96
Bichon Frisé	1	0,96
Affenpinscher	1	0,96
Dobermann	1	0,96
Fila Brasileiro	1	0,96
American Staffordshire	1	0,96
Terrier Brasileiro	1	0,96
TOTAL	104	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Tabela 6 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de felinos atendidos, conforme o padrão racial, na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Raça	n	fp (%)
Sem Raça definida	10	83,33
Persa	1	8,33
Siamês	1	8,33
TOTAL	12	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Tabela 7 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de cães e gatos atendidos, conforme o sistema acometido/afecções, na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Sistemas/Afecções	Canina		Felina	
	n	fp (%)	n	fp (%)
Afecções Multissistêmicas	11	8,09	4	20,00
Tegumentar	23	16,91	-	-
Gastrointestinal	15	11,03	-	-
Urinário	9	6,62	13	65,00
Afecções Tumorais	7	5,15	-	-
Osteomuscular	16	11,76	-	-
Neural	7	5,15	-	-
Afecções Hematológicas	9	6,62	-	-
Endócrino	4	2,94	-	-
Oftálmico	13	9,56	-	-
Cardiovascular	4	2,94	-	-
Reprodutor	7	5,15	-	-
Respiratório	8	5,88	-	-
Hepatobiliar	3	2,21	3	15,00
TOTAL	136	100	20	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Na UNIVET, era realizada a vacinação de cães e gatos, ilustrada na Tabela 8. Além dos 116 animais atendidos, foram atendidos 16 animais para vacinação, sendo 15 cães e 1 gato.

O protocolo vacinal seguia o seguinte esquema: cães acima dos 45 dias e abaixo dos 180 dias recebiam a primeira dose da vacina Vanguard® Plus V10 contra cinomose canina, hepatite infecciosa canina, adenovírus tipo 2, parainfluenza, coronavírus, parvovírus canino e leptospirose (*L. canicola*, *L. grippotyphosa*, *L. icterohaemorrhagiae* e *L. pomona*). A segunda e terceira dose eram realizadas após 4 e 8 semanas respectivamente. Após 21 a 30 dias era realizada a vacinação antirrábica com a Canigen®. Nos adultos, era realizado o reforço anual com as vacinas Vanguard® Plus V10 e antirrábica Canigen®. Em situações que se ultrapassava mais de um ano sem a imunização eram realizadas duas aplicações, a primeira apenas a

Vanguard® Plus V10 e após 21 a 30 dias eram aplicadas as vacinas Vanguard® Plus V10 e antirrábica Canigen®.

Em gatos era aplicada a V4 Felocell CVR® contra calicivirose, rinotraqueíte, panleucopenia e clamidiose dos felinos, em filhotes acima de 45 dias de vida. A segunda dose da polivalente era realizada após 21 ou 30 dias a primeira aplicação, e em conjunto realizava-se a vacinação antirrábica Canigen®.

Tabela 8 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de cães e gatos atendidos, conforme a vacinação na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Vacinação	n	fp (%)
Cães	15	93,75
Gatos	1	6,25
TOTAL	16	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.1 Afecções Hematológicas

A Tabela 9 apresenta os casos clínicos de cães atendidos na UNIVET que tiveram diagnóstico presuntivo ou definitivo relacionado às afecções hematológicas durante o período de estágio.

O diagnóstico das afecções hematológicas era realizado basicamente por meio da análise da série vermelha do hemograma e do número de plaquetas. Era solicitada também a sorologia das imunoglobulinas IgM e IgG para babesiose e erliquiose.

Tabela 9 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos às afecções hematológicas, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Diagnóstico Presuntivo/Definitivo	Canina	
	n	f (%)
Erliquiose	4	44,44
Babesiose	4	44,44
Anemia a esclarecer	1	11,12
TOTAL	9	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.2 Afecções Multissistêmicas

A Tabela 10 apresenta os casos clínicos de caninos atendidos na UNIVET que tiveram diagnóstico presuntivo ou definitivo relacionado às afecções multissistêmicas durante o período de estágio. No caso do diagnóstico de Vírus da Leucemia Felina (FeLV) era realizado um teste rápido de FIV e FeLV da Alere®, já no caso da cinomose poderia-se optar pelo teste rápido ou pela sorologia. Neste sistema foram atendidos quatro felinos, sendo que: três deles possuíam FeLV e um acometido por Peritonite Infecciosa Felina (PIF).

Nestes casos clínicos, o diagnóstico era realizado analisando vários exames em conjunto, sendo a maioria exames enviados ao TECSA de sorologias como leishmaniose, leptospirose, toxoplasmose e neosporose, além do auxílio da anamnese que encaminha na conduta clínica e diagnóstica.

Tabela 10 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos referente às afecções multissistêmicas, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Diagnóstico Presuntivo/Definitivo	Canina	
	n	fp (%)
Leishmaniose	7	55,56
Cinomose	4	44,44
TOTAL	11	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.3 Afecções Tumorais

A Tabela 11 apresenta os casos clínicos de cães atendidos na UNIVET que tiveram diagnóstico definitivo, relacionado às afecções tumorais. O diagnóstico dessas afecções era realizado por PAAF ou pela histopatologia em que o material poderia vir de biopsia, rescisão cirúrgica ou necropsia. Neste sistema não foram atendidos felinos.

Tabela 11 - Número absoluto (n) e frequência percentual f (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos referente às afecções tumorais, atendidos em cães na Unidade integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Diagnóstico Presuntivo/Definitivo	Canina	
	n	fp (%)
Neoplasia mamária	2	28,57
Lipoma	1	14,26
Linfoma	1	14,26
Mastocitoma	1	14,26
Carcinoma de células inflamatórias	1	14,26
Linfoma	1	14,26
TOTAL	7	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.4 Sistema Cardiovascular

Na Tabela 12 estão descritos os casos clínicos atendidos na UNIVET, que receberam o diagnóstico presuntivo ou definitivo referente ao sistema cardiovascular. Neste sistema não foram atendidos felinos.

Todos os casos contavam com um especialista em cardiologia para realização do eletrocardiograma e ecocardiograma, bem como outros exames complementares básicos: hemograma, bioquímico, auscultação, aferição de pressão arterial sistólica, bem como anamnese e histórico.

Tabela 12 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos referente ao sistema cardiovascular, atendidos em cães atendidos na Unidade integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Diagnóstico Presuntivo/Definitivo	Canina	
	n	fp (%)
Cardiomiopatia arritmogênica	2	50
Cardiomiopatia dilatada	1	25
Cardiopatía a esclarecer	1	25
TOTAL	4	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.5 Sistema Endócrino

Na Tabela 13 estão descritos os casos clínicos atendidos na UNIVET, que receberam o diagnóstico presuntivo ou definitivo referente ao sistema endócrino.

O diagnóstico destas afecções na UNIVET era realizado por meio de exames de sangue

e de dosagem hormonal (ex. T4 livre, TSH nas alterações da tireoide) bem como outras análises específicas de cada enfermidade, como a aferição glicêmica em casos suspeitos de *Diabetes Mellitus*, teste de supressão com dose mínima de dexametasona ou teste de estimulação com ACTH em casos suspeitos de hipoadrenocorticismo e hemogasometria para avaliar pacientes em cetoacidose diabética. Também era usado o ultrassom para avaliar alterações de adrenal em casos de hiperadrenocorticismo.

Tabela 13 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos referente ao sistema endócrino, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Diagnóstico Presuntivo/Definitivo	Canina	
	n	fp (%)
<i>Diabetes Mellitus</i>	2	50
Hiperadrenocorticismo	1	25
Hipotireoidismo	1	25
TOTAL	4	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.6 Sistema Gastrointestinal

Na Tabela 14 estão descritos os casos clínicos atendidos na UNIVET, que receberam o diagnóstico presuntivo ou definitivo referente ao sistema gastrointestinal durante o estágio supervisionado na UNIVET.

Para realização do diagnóstico do sistema gastrointestinal eram feitos vários exames complementares como o teste rápido de antígeno de parvovirose, hemograma, bioquímico, exame coproparasitológico, ultrassom e raio x quando necessários. O exame semiológico do sistema gastrointestinal (exemplo; palpação e percussão) são de grande ajuda diagnóstica.

Tabela 14 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos referente ao sistema gastrointestinal, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Diagnóstico Presuntivo/Definitivo	Canina	
	n	fp(%)
Parvovirose	2	13,33
Gastrite aguda	3	18,75
Pancreatite	1	6,25
Giardíase	5	31,25
Coprofagia	1	6,25
Corpo Estranho	2	13,33
Gastrite crônica	1	6,25
TOTAL	15	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.7 Sistema Hepatobiliar

Na tabela 15 estão descritos os casos clínicos, acompanhados na UNIVET, durante o período do estágio curricular, que receberam diagnóstico presuntivo ou definitivo de enfermidades relacionadas ao sistema hepatobiliar.

O diagnóstico das afecções do sistema hepatobiliar ocorrem por meio de exames de sangue, principalmente a análise de enzimas bioquímicas. O exame ultrassonográfico é de extrema importância nesses casos para avaliar a arquitetura e ecogenicidade hepática.

Tabela 15 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de cães e gatos com diagnósticos presuntivos ou definitivos referente ao sistema hepatobiliar, atendidos na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Diagnóstico Presuntivo/Definitivo	Canina		Felina	
	n	fp (%)	n	fp (%)
Lipidose	-	-	2	66,67
Tríade felina	-	-	1	33,33
TOTAL	-	100	3	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.8 Sistema Neural

Na Tabela 16 estão descritos os casos clínicos, acompanhados na UNIVET, durante o período do estágio curricular, que receberam diagnóstico presuntivo ou definitivo de

enfermidades relacionadas ao sistema neural. Durante o período do estágio não foram atendidos felinos para esse sistema.

O exame clínico específico era de extrema importância para auxiliar a localização da lesão, bem como a solicitação de exames de raio x e quando necessário havia o encaminhamento para tomografia em Pouso Alegre na clínica ALLVETS ou Belo Horizonte no Centro diagnóstico VISIOVET para melhor diagnóstico.

Tabela 16 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos às afecções do sistema neural, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Diagnóstico Presuntivo/Definitivo	Canina	
	n	fp (%)
Hérnia de disco	4	57,14
T.C.E	1	14,29
Epilepsia a esclarecer	2	28,57
TOTAL	7	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.9 Sistema Oftálmico

Na Tabela 17 estão descritos os casos clínicos, acompanhados na UNIVET, durante o período do estágio curricular, que receberam diagnóstico presuntivo ou definitivo de enfermidades relacionadas ao sistema oftálmico. Durante o período de estágio não foi observado nenhum caso em felino.

Os médicos veterinários gerais faziam exames oftálmicos como observação e teste de fluoresceína, testes de *Schirmer*, exame de fundo de olho, pressão intraocular, bem como outros exames para basear o diagnóstico clínico.

Tabela 17 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos referente ao sistema oftálmico, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Diagnóstico Presuntivo/Definitivo	Canina	
	n	fp (%)
Ceratite ulcerativa	5	38,46
Blefarite	1	7,69
Ceratoconjutivite seca	6	46,15
Catarata	1	7,69
TOTAL	13	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.10 Sistema Osteomuscular

Na Tabela 18 estão descritos os casos clínicos, acompanhados na UNIVET, durante o período do estágio curricular, que receberam diagnóstico presuntivo ou definitivo de enfermidades relacionadas ao sistema osteomuscular. Durante o período de estágio não foi observado nenhuma ocorrência em felinos.

As afecções osteomusculares eram analisadas pelos médicos veterinários gerais e se necessário buscavam opinião aos cirurgiões ou eram encaminhados para cirurgia.

Tabela 18 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos ao sistema osteomuscular, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Diagnóstico Presuntivo/Definitivo	Canina	
	n	fp (%)
Fratura de pelve	2	12,75
Fratura de fêmur	2	12,75
Displasia coxofemoral	3	18,75
Artrose	2	12,75
Fratura de mandíbula	1	6,25
Luxação patelar	2	12,75
Politraumatismo	4	25,00
TOTAL	16	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.11 Sistema Reprodutor

Na Tabela 19 estão descritos os casos clínicos, acompanhados na UNIVET, durante o período do estágio curricular, que receberam diagnóstico presuntivo ou definitivo de enfermidades relacionadas ao sistema reprodutor. Durante o período do estágio não foi observado nenhum caso em felino relacionado a este sistema.

Para diagnóstico normalmente era utilizado os exames de imagem, histórico e anamnese e PAAF em casos de alteração prostáticas.

Tabela 19 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos ao sistema reprodutor, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Diagnóstico Presuntivo/Definitivo	Canina	
	n	fp (%)
Piometra	3	42,86
Mastite	1	14,29
Prostatite	2	28,57
Pseudociese	1	14,29
TOTAL	7	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.12 Sistema Respiratório

Na Tabela 20 estão descritos os casos clínicos, acompanhados na UNIVET, durante o período do estágio curricular, que receberam diagnóstico presuntivo ou definitivo de enfermidades relacionadas ao sistema respiratório. Não foram acompanhados casos de felinos para esse sistema.

Nas afecções do sistema respiratório o diagnóstico era feito a partir de ausculta pulmonar e exame do sistema orgânico, a partir disso podiam ser solicitados exames complementares como raio x torácico.

Tabela 20 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos relativos ao sistema respiratório, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Diagnóstico Presuntivo/Definitivo	Canina	
	n	fp (%)
Colapso traqueal	2	25,00
Edema pulmonar	2	25,00
Pneumonia	1	12,50
Síndrome do cão braquiocefálico	3	37,50
TOTAL	8	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.13 Sistema Tegumentar

Na Tabela 21 estão descritos os casos clínicos, acompanhados na UNIVET durante o período do estágio curricular, que receberam diagnóstico presuntivo ou definitivo de enfermidades relacionadas ao sistema tegumentar. Foram acompanhados apenas dois casos em felinos com acometimento tegumentar, diagnosticados com esporotricose.

Os exames complementares para diagnóstico do sistema tegumentar eram o raspado cutâneo profundo e superficial, a tricografia, a cultura e citologias por imprint. Quando necessário era possível marcar uma consulta com o especialista em dermatologia.

Tabela 21 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de diagnósticos presuntivos ou definitivos referente ao sistema tegumentar, atendidos em cães na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Diagnóstico Definitivo/Presuntivo	Canina	
	n	fp (%)
Dermatite atópica	4	17,39
Otite bacteriana	3	13,04
Ferida por mordedura	6	26,09
Otite fúngica	5	21,74
Hipersensibilidade alimentar	1	4,34
Dermatite alérgica à picada de pulgas	4	17,39
TOTAL	23	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.14 Sistema Urinário

Na Tabela 22 estão descritos os casos clínicos, acompanhados na UNIVET durante o período do estágio curricular, que receberam diagnóstico presuntivo ou definitivo de enfermidades relacionadas ao sistema urinário.

Os exames usados para diagnosticar doenças do trato urinário são normalmente os hematológicos, com finalidade de detectar azotemia e exames de imagem como ultrassom e raio x.

Tabela 22 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de cães e gatos com diagnósticos presuntivos ou definitivos referente ao sistema urinário, atendidos na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Diagnóstico	Canina		Felina	
	n	fp (%)	n	fp (%)
Doença renal aguda	-	-	2	15,38
Doença renal crônica	5	100		-
Cistite	-	-	1	7,69
Obstrução uretral	-	-	4	30,76
Urolitíase	-	-	5	38,46
Ruptura de bexiga	-	-	1	7,69
TOTAL		5	13	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.15 Outros Procedimentos

Durante o estágio curricular na UNIVET foram realizados exames complementares e procedimentos ambulatoriais que podem ser observados na Tabela 23.

Tabela 23 - Número absoluto (n) e frequência percentual fp (%) de procedimentos diversos, realizados e acompanhados em cães e gatos atendidos na Unidade Integrada Veterinária, no período de 23/05/2022 a 05/08/2022.

Procedimentos	n	fp (%)
Administração medicamentosa	309	28,22
Coleta de sangue	130	11,87
Fluidoterapia	116	10,59
Aferição de glicemia	17	15,53
Aferição de pressão arterial sistêmica	6	0,54
Cateterização venosa	150	13,70
Exame ultrassonográfico	35	3,20
Alimentação enteral	4	0,37
Cistocentese	12	1,10
Teste rápido de parvovirose	3	0,27
PAAF	1	0,09
Teste de fluoresceína	3	0,27
Lavagem vesical	3	0,27
Teste rápido de FIV/FeLV	6	0,55
Sondagem uretral em machos	7	0,64
Limpeza de ferida	125	11,42
Eutanásia	10	0,91
Sondagem nasal	1	0,09
Fluidoterapia por via subcutânea	2	0,18
Raspado cutâneo	4	0,37
Teste rápido cinomose	36	3,29
Vacinação	16	1,46
Retirada de pontos cirúrgicos	62	5,66
Swab otológico	8	0,73
Curva glicêmica	2	0,18
Exame ecocardiográfico	6	0,55
Remoção de miíases	2	0,18
Drenagem de efusão pleural	2	0,18
Teste de Schirmer	5	0,46
Transfusão sanguínea	8	0,73
Ressuscitação cardiopulmonar	2	0,18
Enema	2	0,18
TOTAL	1095	100

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

5. REVISÃO DE LITERATURA

5.1 Otite externa (OE)

A otite externa é uma afecção dermatológica de grande importância na rotina clínica médica de pequenos animais, uma vez que acomete frequentemente cães, em que se encontram principalmente a otoacaríase em animais jovens, isto é, otite de origem parasitária desencadeada pela presença de ácaros *Otodectes cynotis* ou *Demodex* spp no meato acústico externo desses animais e os adenomas de glândulas ceruminosas em animais idosos (MORAILLON et al., 2013).

Segundo Paço, Almeida e Caroça (2010), essa enfermidade pode acometer unicamente a porção cartilaginosa do pavilhão auricular (pericondrite), ou afetar a pele do conduto auditivo externo (CAE). Clinicamente as otites podem ser classificadas de acordo com a porção anatômica acometida: externa, média, interna; quanto ao seu comprometimento: unilateral ou bilateral e por fim de acordo com a duração da doença: aguda ou crônica (LOPEZ; FERNANDES, 2015).

A etiologia da otite externa, é multifatorial, isto é, pode ser ocasionada por diversos fatores, sejam eles primários, predisponentes, secundários e perpetuantes. Como causas primárias desta enfermidade, observamos traumas ao canal auditivo, reações de hipersensibilidade, corpos estranhos, endocrinopatias como o hipotireoidismo, parasitas e enfermidades autoimunes como, por exemplo, o pênfigo foliáceo. Os fatores secundários referem-se à instalação de fungos, parasitas e bactérias, principalmente do *Staphylococcus* em orelhas previamente alteradas (MOREIRA, 2011; CUSTODIO, 2019). Segundo Moreira (2011) as bactérias do gênero *Staphylococcus*, embora sejam comensais de pele e mucosa, em condições favoráveis, podem se tornar patógenos oportunistas favorecendo o desenvolvimento de diversas infecções, dentre elas a otite. Entre os fungos mais comumente observado em otites, podemos citar a *Malassezia*, um agente que embora normalmente participe da microbiota normal do ouvido, em situações de baixa imunidade do animal se torna oportunista. Os sinais clínicos comumente observados são eritema, edema, otalgia, otorreia e prurido evidenciado por meneios cefálicos.

A otite externa crônica (OEC) por sua vez, trata-se de uma infecção contínua ou recorrente, que acomete o conduto auditivo externo do animal por um período igual ou superior

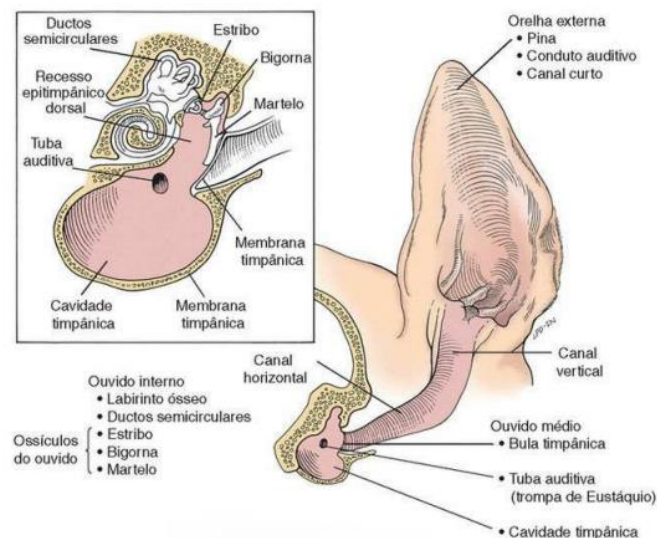
a seis meses. Na prática clínica veterinária, possui maior relevância, uma vez que representa cerca de 80% dos casos de otite animal (LOGAS, 1994 apud MOREIRA, 2011.)

5.2 Anatomia da orelha canina

A orelha dos cães é anatomicamente dividida em três partes: orelha externa, orelha média e orelha interna. Em conjunto, estes três componentes auxiliam na identificação e localização de efeitos sonoros, detecção da posição e movimentos da cabeça. A orelha externa é composta pelo pavilhão auricular, também chamado de pina ou aurícula e, sequencialmente, pelo meato acústico externo, também denominado canal auditivo externo. A orelha média está presente no osso temporal e nela estão inseridos a cavidade do tímpano, os ossículos auditivos (martelo, estribo e bigorna) e a tuba auditiva. A orelha interna por sua vez, é composta pela cóclea, vestíbulo e os canais semicirculares (LARSSON; LUCAS, 2016 apud CUSTODIO, 2019).

O conduto auditivo dos canídeos (FIGURA 21) apresenta como principal finalidade a função de absorver e identificar os sons de modo a conduzi-los para a membrana timpânica pelos canais auditivos. Ademais, vale ressaltar que o pavilhão auricular de cães apresenta modelo e tamanho variável entre as raças, podendo se apresentar ereto, semiereto, caída ou pendular (GOMES, 2015).

FIGURA 21– Anatomia da orelha externa canina.



Fonte: FOSSUM, 2014.

Vale destacar que a maior parte da parede lateral do compartimento cranio lateral menor é formada pela membrana timpânica, uma estrutura epitelial que separa o ouvido externo da cavidade do ouvido médio.

O pavilhão auricular é a porção que se destaca da face lateral da cabeça e apresenta formato de funil, que no polo distal mantém o conduto auditivo aberto para permitir a passagem das ondas de som e, no proximal, ondula-se, formando um tubo que se curva no sentido medial para conectar-se ao meato acústico externo. Ademais, é uma estrutura cartilaginosa extremamente móvel e flexível, revestida por anexos e pele que está fortemente aderida a cartilagem auricular pela tela subcutânea, na qual se localizam as veias e artérias auriculares, que percorrem a face auricular externa (LARSSON; LUCAS, 2016 apud CUSTÓDIO, 2019). Numerosos músculos se anexam à cartilagem do ouvido, possibilitando o movimento da orelha. A inervação do pavilhão auricular canino é composta por três nervos cranianos: o trigêmeo (V), o facial (VII), o vago (X) e também pelo nervo cervical secundário (GREGÓRIO, 2013).

5.3 Etiopatogenia

A etiologia da otite externa é multifatorial e pode ser classificada e agrupada em três grandes grupos (TABELA 24): as etiologias primárias, os fatores predisponentes e os fatores perpetuantes.

5.3.1 Causas primárias

As causas primárias são condições ou alterações que propiciam o início de um processo inflamatório dentro do canal auditivo e estão presentes em todos os casos de otite externa. Estas alterações podem se estender para fora do canal externo, originando uma otite externa.

Dentre os fatores externos mais comumente observados, destacam-se causas alérgicas, parasitoses, presença de corpos estranhos, doenças endócrinas, hipersensibilidade, enfermidades autoimunes, alterações de queratinização (provocada também pelo hipotireoidismo), desordens glandulares e anormalidades na produção de cerúmen e neoplasias (GOMES, 2015).

5.3.2 Fatores predisponentes

Fatores predisponentes são aqueles que aumentam o risco do desenvolvimento da doença, uma vez que promovem um ambiente propício para a perpetuação de fatores predisponentes, facilitando assim, a inflamação. Os fatores predisponentes incluem conformação anatômica da orelha, doenças obstrutivas, deficiência de zinco e excesso de pelo, condições climáticas, traumas no canal auditivo e ainda qualquer doença sistêmica que leve a imunossupressão ou predisponha ao crescimento bacteriano (CUSTÓDIO, 2019; GOMES, 2015).

5.3.3 Fatores perpetuantes

São considerados fatores perpetuantes aqueles que impedem a resolução da otite externa. Estes fatores podem induzir mudanças patológicas permanentes no canal auditivo e são consideradas a principal razão para falhas no tratamento de otites externas, pois a persistência desses fatores, impossibilitam o tratamento das otites, seja externa ou média, pelo fato de que se tornam resistentes. Dentre os fatores perpetuantes destacam-se infecção bacteriana, infecção fúngica e desordens crônicas do canal auditivo (MACHADO, 2013).

TABELA 24: Etiologia de otite externa em cães.

	CAUSAS	EXEMPLOS
Causas primárias	Parasitose	Sarna otodécica (mais comum em gatos), sarcóptica e demodécica.
	Corpos estranhos	Detritos vegetais, pelos e cerumen impactado.
	Hipersensibilidade	Atopia, dermatite por contato, hipersensibilidade alimentar.
	Doenças endócrinas	Hipotiroidismo, hiperadrenocorticismo.
	Desordens dermatológicas de queratinização	Seborreia canina primária, Adenite sebácea.
	Doenças autoimunes	Celulite juvenil, pênfigo, lúpus discóide.
	Neoplasias	Adenoma/adenocarcinoma das glândulas ceruminosas.
Fatores predisponentes	Conformação anatômica do ouvido externo	Orelhas pendulares, estenose dos canais auditivos, pelos no canal auditivo, maior quantidade de tecido glandular.
	Condições climáticas	Aumento de temperatura e umidade redução da circulação de ar.
	Traumas no canal auditivo	Ataques por outros animais, limpeza excessiva, irritação química.
Fatores perpetuantes	Infecção bacteriana	<i>Staphylococcus spp.</i> , <i>Streptococcus spp.</i> , <i>Pseudomonas spp.</i> , <i>Proteus spp.</i> , <i>Escherichia coli.</i>
	Infecção fungica	<i>Malassezia pachydermatis.</i>
	Desordens crônicas do canal auditivo	Estenose, calcificação e proliferação epitelial.

Fonte: Adaptado de DOYLE et al., 2004 apud GOMES, 2015.

5.4 Diagnóstico

Para o diagnóstico de otite deve-se realizar uma anamnese, um exame clínico rigoroso e exames complementares simples que por vezes podem precisar de uma tranquilização branda ou de uma anestesia geral de curta ação (Bensignor e Germain, 2009 apud Gregório, 2013). O veterinário deve definir a origem do problema, seja ele por causas primárias, por fatores predisponentes ou fatores perpetuantes. Segundo Scherer, Horta e Val (2013), embora sinais clínicos associados a essa afecção variem de acordo com a causa, podemos citar como principais sintomas o balançar de cabeça, prurido, dor e variável acúmulo de cerúmen ou exsudato. O canal externo por sua vez, responde à inflamação crônica da derme e epiderme com hiperplasia e hiperqueratose, hiperplasia das glândulas sebáceas, hiperplasia e dilatação das glândulas ceruminosas.

Ao início da consulta, deve-se realizar a anamnese, de modo a questionar o tutor do animal a respeito do início do desenvolvimento dos sinais clínicos, evolução do quadro, sazonalidade e respostas a tratamentos prévios. Na avaliação otológica de dor, é possível realizar dois exames, o primeiro refere-se ao teste da elevação dorsal do pavilhão auricular (FIGURA 22), que consiste numa ligeira tração do pavilhão auricular no sentido ascendente, enquanto o segundo, é o teste de pressão no tragus (FIGURA 23) que, consiste na aplicação de uma leve pressão na região da cartilagem trago. Em ambos os testes, a presença de dor é considerada positiva quando há reação do animal, seja não abanando o rabo, vocalizando, tentando morder ou tentando fugir durante a realização do teste (PEIXOTO, 2016).

FIGURA 22: Teste de elevação dorsal do pavilhão auricular



Fonte: PEIXOTO, 2016.

FIGURA 23: Teste de pressão no tragus



Fonte: PEIXOTO, 2016.

Qualquer sinal clínico de otite justifica uma exploração otoscópica (FIGURA 24) de modo a verificar a presença de corpos estranhos, de *Otodectes cynotis*, de descarga de cerúmen, da presença de estenose do CAE, a integridade da membrana timpânica e ainda a presença de neoplasias ou pólipos (GREGÓRIO, 2013). O otoscópio deve ser inserido no canal vertical do canal auditivo externo até a curva com o canal horizontal, para permitir uma boa visualização do canal vertical, horizontal e membrana timpânica (SAMPAIO, 2014).

FIGURA 24: Exame otoscópico em cão da raça Whippet.



Fonte: SAMPAIO, 2014.

O terceiro passo para diagnóstico de otites, refere-se a citologia de ouvido, um exame diagnóstico rápido, prático e fundamental que deve ser realizado rotineiramente em todos os pacientes que apresentarem sinais de otite externa, uma vez que permite a visualização das populações microbiológicas do canal auditivo externo (CARVALHO, 2017). A coleta de amostras de secreções auriculares é facilmente realizada com o auxílio de *swabs* (hastes de algodão). Tendo o *swab* em mãos, é realizado o deslizamento do mesmo sobre uma lâmina de vidro. Posteriormente essa lâmina deve ser imersa num recipiente com álcool 70% para fixação da amostra (PEIXOTO, 2016). As amostras devem ser devidamente identificadas com etiquetas na extremidade fosca com o nome do animal e número do questionário correspondente. Este exame permite identificar e quantificar possíveis bactérias, fungos, parasitas, leucócitos e células neoplásicas (GREGÓRIO, 2013).

Enfim, após a comprovação pelo exame citológico da presença de bactérias e de leucócitos com fagocitose e alterações degenerativas, podemos partir para o exame de cultura e antibiograma. A indicação principal para esse exame é a presença de otite média ou externa grave associada a bactérias resistentes, geralmente bacilos (GRIFFIN, 2010 apud SAMPAIO, 2014).

5.5 Tratamento

O tratamento de uma otite externa deve abranger um conjunto de passos. O primeiro passo é identificar e tratar fatores primários e predisponentes, quando possível. Em seguida, deve-se partir para limpeza do canal auditivo, de modo a retirar os detritos e exsudatos/corrimentos, para assim instituir uma terapêutica tópica adequada ao caso. A terapia sistêmica torna-se necessária quando for o caso de uma otite severa, que não responde a tratamento tópico. Ademais, é imprescindível educar/treinar o cliente para correta limpeza do ouvido e aplicação ou administração dos medicamentos prescritos pelo veterinário. É fundamental que o veterinário acompanhe as respostas ao tratamento adotado através de retornos. Quando preciso, deve-se eleger um tratamento preventivo e de manutenção. O intuito de todos esses passos é reverter as alterações patológicas crônicas da enfermidade (FONSECA, 2018). Na maioria dos casos, um sobre crescimento da flora normal pode ser tratado com terapia tópica, enquanto as infecções por agentes patogênicos oportunistas podem necessitar de terapia sistêmica (ANGUS, 2005 apud PEIXOTO, 2016).

Independentemente da etiologia uma limpeza adequada do canal auditivo deve ser realizada, pois é parte essencial do tratamento, uma vez que remove detritos, reduz a população microbiana, remove subprodutos dos agentes microbianos, tais como toxinas e enzimas e permite que as soluções tópicas atinjam o local de infecção, promovendo seu correto efeito e aumentando a eficácia das medicações tópicas (GREGÓRIO, 2013). A limpeza consiste no uso de ceruminolíticos, tais como peróxido de carbamina, esqualeno, propilenoglicol, glicerina e óleo mineral que possuem ação umectante e promovem redução o pH da região (BRISAC, 2009 apud FERRARI, 2015).

O tratamento de eleição para maior parte dos casos de otite externa é o tratamento tópico, que é classificado em quatro classes de princípios ativos, são eles: parasiticidas, antifúngicos, antibióticos e anti-inflamatórios. A terapia adotada deve estar de acordo com os achados da citologia e do resultado do antibiograma (GREGÓRIO, 2013). Outrossim, os glicocorticoides tópicos são benéficos, na maior parte dos casos de otite externa, pois agem reduzindo o prurido, exsudação, edema, dor e alterações hiperplásicas e proliferativas do canal auditivo (CUSTÓDIO,2019).

As Tabelas 25 e 26, descrevem, respectivamente, os antifúngicos e os antibióticos mais utilizados para o tratamento da otite externa.

TABELA 25: Antifúngicos mais utilizados no tratamento de otite externa.

ANTIFÚNGICO (USO TÓPICO)	AÇÃO
Miconazol (2%),	Ação excelente contra <i>Malassezia</i> .
Nistatina	Boa ação contra <i>Malassezia pachydermatis</i> .
Clotrimazol	Boa ação contra <i>Malassezias</i> .
Tiabendazol	Ação moderada contra <i>Malassezia pachydermatis</i> .

Fonte: Adaptado de THOMAS, 2006 apud PEIXOTO,2016.

Tabela 26: Antibióticos mais utilizados no tratamento de otite externa

ANTIBIÓTICO (USO TÓPICO)	AÇÃO
Neomicina	Aminoglicosídeo com boa atividade contra cocos Gram-positivos. Alguma eficiência contra bactérias Gram-negativas incluindo <i>Pseudomonas aeruginosa</i> e <i>E.coli</i> .
Gentamicina	Aminoglicosídeo com boa atividade contra cocos Gram-positivos e muitas bactérias Gram-negativas.
Enrofloxacina	Fluoroquinolona com boa atividade contra cocos Gram-positivos bem como contra <i>Pseudomonas</i> resistentes.
Sulfadiazina de prata	Sulfamida de largo espectro com boa atividade contra cocos Gram-positivos e <i>Pseudomonas</i> resistentes.

Fonte: THOMAS, 2006 apud PEIXOTO, 2016

De forma semelhante à terapêutica tópica, a nível sistêmico são também usados parasiticidas, antifúngicos, antibióticos e anti-inflamatórios. A terapêutica sistêmica é indicada nas seguintes situações: otite externa severa, casos com otite média concomitante, presença de tecido inflamatório proliferativo com obstrução de mais de 50% do lúmen do canal auditivo, impossibilidade de administração de tratamentos tópicos pelo tutor, suspeita ou presença de reações adversas ao tratamento tópico e ineficácia do tratamento tópico adotado (MILLER et al., 2013 apud CUSTÓDIO,2019).

Em caso de otites parasitárias, recomenda-se a terapia sistêmica de modo a incluir ácaros erráticos. Dentre os inúmeros medicamentos com os mais diversos princípios ativos, vale ressaltar: a selamectina; combinação de 10% imidacloprida + 1% moxidectina; furalaner e sarolaner. Além disso, a ivermectina também pode ser usada sistemicamente, seja via oral ou subcutânea, a partir da idade mínima de seis semanas do animal (MOTA, 2018).

Existem processos cirúrgicos que podem estar indicados em casos de otite externa crônica, severa e intratável. Dentre as principais técnicas cirúrgicas, para resolução da enfermidade, podemos citar: a ressecção da parede lateral do canal auditivo (ou método de Zepp), ablação do canal auditivo vertical e ablação total do canal auditivo (GOMES,2015).

A ressecção da parede lateral do canal auditivo funciona como uma terapia adjuvante para melhorar a drenagem, aeração, reduzir a temperatura e umidade e facilitar a administração da medicação no interior do canal auditivo (WHILHELM, 2010). Para mais, a técnica de ablação do canal auditivo vertical inclui a completa remoção do tecido alterado, de modo a

preservar a audição do animal e melhorar a drenagem e ventilação do canal horizontal (GOMES, 2015). Por fim, a técnica de ablação total do canal auditivo é geralmente utilizada para remoção dos tecidos inflamados resultantes de otite externa crônica irreversível e é indicada em três situações: (I) em casos de otites externas crônicas proliferativas e/ou não responsivas ao tratamento médico e que se estendem ao canal horizontal; (II) quando há presença de neoplasias extensas que afetam todo o canal auditivo (III) em caso de estenose congênita/adquirida do canal auditivo (GOMES, 2015).

Vale destacar que a otite externa não tratada ou maltratada pode conduzir a otite média, surdez, otite interna, síndrome vestibular, paralisia do nervo facial e, em raras situações meningoencefalite.

6.0 RELATO DE CASO

Canino, macho, Chihuahua, não castrado, 4,6 kg, aproximadamente 7 anos de idade. Paciente, oriundo de canil, criado sem quaisquer cuidados com a pele e pelo e sem banhos regulares, ou sequer limpeza do ouvido. Dividia o ambiente com outros animais, com as mesmas condições. Por se tratar de um canil de aproximadamente 90 animais, acredita-se que a baia em que o animal estava permanecendo não recebia os cuidados necessários de higiene em 100% do tempo. Chegou à clínica veterinária para adoção. Ao exame clínico, o cão apresentava-se com bom estado corporal, em alerta, mucosas normocoradas, normohidratado, temperatura 37.8°C, além de frequência cardíaca e frequência respiratória de 90 bpm e 36 rpm respectivamente. No exame físico otológico, observou-se massa proliferativa extensa bilateral dos condutos auditivos direito e esquerdo (FIGURA 25 e 26). O criador não disponibilizou histórico de doenças prévias ou comorbidades do animal. Constatou-se também que o paciente apresentava odor característico, além de meneios de cabeça, irritabilidade, apatia e desinteresse por socialização. Foi solicitado hemograma completo e exame bioquímico que não identificaram qualquer alteração digna de nota.

FIGURA 25: Cão com estenose do canal auditivo por hiperplasia das estruturas cartilagosas da orelha direita (antes da cirurgia).



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

FIGURA 26: Cão com estenose do canal auditivo por hiperplasia das estruturas cartilagosas da orelha esquerda (antes da cirurgia).



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Diante do histórico de otite crônica não tratada e das alterações observadas no exame clínico, optou-se pelo tratamento cirúrgico nesse paciente. Optou-se pela técnica cirúrgica de ablação vertical de conduto auditivo.

6.1 Técnica cirúrgica de ablação vertical do conduto auditivo de cão acometido por otite

Obedecendo-se ao período de jejum indicado, o animal foi submetido à ablação vertical do conduto auditivo direito e esquerdo. Os procedimentos cirúrgicos foram realizados em datas diferentes, espaçados num período de 15 dias de uma orelha a outra.

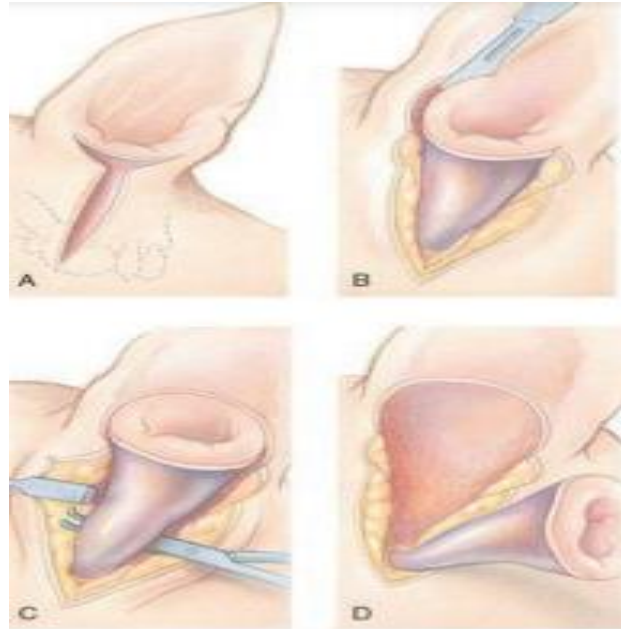
O animal foi submetido ao seguinte protocolo anestésico: medicação pré-anestésica com cloridrato metadona na dose de 0,3mg/kg e acepromazina 0,2% na dose de 0,025 mg/kg, ambas por via intramuscular (IM). A indução foi realizada com propofol na dose de 4mg/kg, intravenosa (IV) e a manutenção com isoflurano vaporizado em oxigênio a 100%, por via inalatória.

A cirurgia de ablação seguiu a técnica proposta por Fossum, 2014. Com o animal em decúbito lateral e cabeça elevada com um pano, foi realizado a tricotomia e antissepsia do campo operatório da orelha seguida de uma incisão de pele em forma de T, abaixo do trago (FIGURA 27A). Após a hemostasia, a partir do ponto médio da incisão anterior, foi realizada uma incisão vertical, que se prolongou passando apenas ao nível do canal horizontal. Feito isso, recolheu-se as abas que refletem tecido conjuntivo frouxo, e foi exposta a face lateral do canal vertical, continuando a incisão horizontal em torno da abertura do canal auditivo vertical (FIGURA 27 B). Com auxílio de uma tesoura Mayo, dissecou-se em torno das faces proximais e mediais do canal vertical próximo a cartilagem do canal auditivo para evitar inadvertidamente danos ao nervo facial (FIGURA 27C). Nervo facial identificado e devidamente isolado, continuou-se a dissecação ao nível do meato auditivo externo para posterior remoção de todo o canal auditivo (FIGURA 27 D).

Removido todo o conduto auditivo, a amostra foi devidamente colocada em um pote com água e formol (10:1) e enviado para análise histopatológica no TECSA.

No pós-operatório, foram prescritos cloridrato de tramadol na dose de 5mg/kg a cada 12 horas, durante 5 dias; dipirona na dose de 25mg/kg, a cada 8 horas, durante 5 dias; meloxicam na dose de 0,1 mg/kg a cada 24 horas durante 5 dias e ceftriaxona 25mg/Kg, a cada 12 horas, durante 10 dias, todos por via oral. Além do mais, recomendou-se o uso do colar elizabetano até três dias após a retirada dos pontos. Passados 15 dias, foi realizada a remoção dos pontos e não houve complicações durante a cicatrização da ferida.

FIGURA 27: Demonstração da técnica cirúrgica de Ablação Vertical do Ouvido.



Fonte: FOSSUM, 2014.

6.2 Avaliação Histopatológica

A avaliação histopatológica revelou padrão semelhante entre as amostras, com moderada hiperplasia epitelial entremeadas a focos crostosos e deposição de material amorfo exsudativo. Em meio à região subepidérmica observou-se padrão glandular ceruminoso e sebáceo hiperplásico, com áreas de fibrose e moderada migração inflamatória crônica ativa, tais como mastócitos, neutrófilos, macrófagos, linfócitos e raros plasmócitos. Pôde-se observar ainda extensos focos de granulação em meio a transição dos planos profundos, permeando as estruturas anexas. Pôde-se observar também áreas de desorganização anexial, alternando esboços de furunculose profunda.

6.3 Diagnóstico

O resultado histopatológico acusou otite hiperplásica polipoide crônica associada a traços alérgicos e focos supurativos.

6.4 Resultado cirúrgico

Após o procedimento o paciente foi encaminhado para internamento cirúrgico, onde permaneceu até a retirada de pontos da orelha esquerda. Retirados os pontos, e terminadas as medicações, o animal foi submetido a uma nova cirurgia, para realização da ablação vertical do conduto auditivo direito. Em ambas as cirurgias, não houve intercorrências posteriores (FIGURA 28 A e B). Ademais, houve cicatrização por completa de ambos os condutos, sem presença de seroma. Portanto, fechado o diagnóstico e terminados os cuidados pós-cirúrgicos, o paciente obteve alta otológica e por fim foi adotado.

FIGURA 28: Aspecto final da ablação vertical do conduto auditivo total direito (A) e esquerdo (B), no pós-cirúrgico.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A otite externa é um caso muito comum dentre as enfermidades otológicas na Clínica Médica de Pequenos Animais, atingindo principalmente os cães. Se identificada e tratada desde o início de seus sintomas, é fácil de ser contornada. A realização de anamnese, exames físicos e complementares são essenciais para o diagnóstico confirmatório. O tratamento consiste numa série de etapas, que abrangem limpeza otológica, medicações de uso tópico e medicações de uso sistêmico. O tratamento cirúrgico é indicado quando a cronicidade e a irreversibilidade dos

processos inflamatórios, ou quando não há resposta para o tratamento médico de otites recorrentes.

A oportunidade de realizar o estágio supervisionado na (UNIVET) em Lavras, foi de grande valia no aperfeiçoamento na área de Clínica Médica de Pequenos Animais, uma vez que, me proporcionou a aquisição de novos conhecimentos pelo contato na prática da rotina hospitalar. Ademais, a propedêutica, o exame clínico, a conduta, o profissionalismo, a ética, as técnicas diferentes e novos procedimentos, me proporcionaram maior experiência na área..

Embora a clínica possua uma equipe capacitada e uma estrutura quase que impecável, é possível perceber falhas no sistema que acabam prejudicando muitas vezes a rotina. Primeiramente, deve-se destacar a falta de um profissional específico para farmácia, para organização e controle de estoque de medicamentos acaba comprometendo a dinâmica do hospital, que por vezes, passou por escassez ou falta de medicamentos e insumos indispensáveis a rotina clínica de uma internação.

Ademais, não menos importante, não havia a utilização do método “*cat friendly*” pela maioria do corpo técnico. Os felinos ali internados ou em atendimentos, por vezes passavam por situações de estresse dificultando a recuperação, principalmente pacientes com doença do trato urinário inferior dos felinos que já de conhecimento comum têm problemas com o estresse crônico.

7. BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, L. C. A. **Etiologia e perfil de resistência de bactérias isoladas de otite externa em cães.** 2017. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017, p. 35.

SCHERER, C.B.; HORTA, R.S.; VAL, A. P. C. **Otite externa em cães.** Caderno Técnico De Medicina Veterinária e Zootecnia. N. 71, 2013.p. 54-62.

CUSTÓDIO, C. S; **Otite externa em cães: revisão de literatura.** Universidade Federal De Santa Catarina, Curitiba, 2019, p. 12-14.

FERRARI, Y. A. **Tratamento de otites por *Malassezia pachydermatis* em cães atendidos no Hospital Veterinário das Faculdades Integradas de Ourinhos.** 2015. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Faculdades Integradas de Ourinhos, Ourinhos, 2015, p. 28-30

FONSECA, M. P. **Otite Externa Canina – Um estudo de caso retrospectivo sobre a etiologia e o perfil de suscetibilidade aos antimicrobianos.** 2018. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018, p. 22-27,

FOSSUM, T. W. **Cirurgia de pequenos animais**, 4 ed. São Paulo. Elsevier Brasil, 2014. p. 914-929.

GOMES, C. S. M.; **Tratamento cirúrgico de otites em cães: indicações, comparação das técnicas e complicações pós-cirúrgicas.** 2015. Dissertação (Mestrado). Escola Universitária Vasco da Gama, Coimbra, 2015, p.18, 38,

GREGÓRIO, A. F. D. **Otite Externa Canina: Estudo preliminar sobre otalgia e factores associados.** 2013. Dissertação (Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2013, p. 16-21,

MACHADO, V. M. M. C. **Otite externa canina: estudo preliminar sobre a otalgia e factores associados.** 2013. Dissertação (Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2013, p. 21.

PAÇO, J; ALMEIDA, J. V. de. ; CAROÇA, C. **Otitis na prática clínica: Guia de diagnóstico e tratamento.** Queluz, Portugal. Bial, 2010. p. 28.

LOPEZ, D. C. L.; FERNANDES, T. P. **Avaliação audiológica em animais com perda auditiva condutiva através da audiometria de impedância: Timpanometria e reflexo acústico** – Revisão de Literatura. *MedVep Dermatol*, v.13, n.43, 2015, p. 46-53,

MORAILLON, R. et al. **Manual Elsevier de Medicina Veterinária.** Elsevier Brasil, v.7, 2013, p. 1037-1039.

MOREIRA, C. A.; **Atividade in vitro de agentes antimicrobianos contra biofilmes de Staphylococcus ssp. de otite canina.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011, p 30-34,

MOTA, A. C. C. **Ocorrência de acariose por Otodectes cynotis e Cheyletiella blakei em gatos domésticos (Felis silvestres catus).** Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Medicina Veterinária, Lisboa, 2018, p. 21.

PEIXOTO, J. N. F. V. **Determinação da Prevalência de Otite Externa na Consulta Vacinal de 100 Cães.** 2016. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2016, p. 24-29.

SAMPAIO, M. S. **Ocorrência de otite externa em cães apresentados à consulta de rotina.** 2014. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2014, p. 42.

WILHELM, G. **Ressecção Lateral do Conduto Auditivo Externo: Avaliação no Tratamento da Otite Externa Crônica e Proposta do Uso de Adesivos.** 2010. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina Veterinária, Sanidade Animal clínica Médica de Pequenos Animais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. Cap. 4. 2, 2010, p.31-36.